



# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

## TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO: UM OLHAR A PARTIR DE DAVID HARVEY

Betina Beltrame<sup>1</sup>

Felipe Rigon Dorneles<sup>2</sup>

DenizeGrzybovski<sup>3</sup>

### RESUMO

Este ensaio teórico se propõe refletir sobre as diferentes concepções de desenvolvimento. Desta forma, são apresentados conceitos que auxiliam na compreensão sobre o processo de desenvolvimento. Sendo assim, é uma tentativa de aprofundar as primeiras ideias sobre desenvolvimento e seus diferentes viéses. As teorias que explicam as desigualdades geradas pelo desenvolvimento capitalista são muitas. Sendo assim, este trabalho se propõe a explorar o desenvolvimento desigual, a partir do autor David Harvey. São apresentados alguns dos principais conceitos, os pressupostos teóricos e históricos, que muitas vezes servem de orientação para as ações de governos deste autor em destaque. Os fundamentos teóricos que sustentam este estudo são interdisciplinares, envolvendo a Psicologia (Ciência Humana) e a Administração (Ciência Social Aplicada), por exemplo. Ou seja, são referenciais que darão suporte à construção teórica necessária para a crítica ao desenvolvimento. Outro enfoque adotado foi as percepções de espaço e tempo, relacionando com o desenvolvimento, uma crítica a uma sociedade desigual e ao capitalismo. As reflexões então indicam que há uma série de questões que merecem ser aprofundadas, uma vez que existem diferentes olhares no que se refere a pensar e agir sob a óptica do desenvolvimento. Assim como a teoria de David Harvey conduz para as questões das desigualdades sócio-espaciais como foco para o debate sobre desenvolvimento e redução das desigualdades da sociedade.

**Palavras- chave:** teorias do desenvolvimento; desenvolvimento desigual; David Harvey.

### 1 INTRODUÇÃO

O conceito de desenvolvimento é utilizado por diversas áreas do conhecimento. Cada área tem seu enfoque como: o econômico, político e ambiental, por exemplo. A abordagem teórica do desenvolvimento requer uma perspectiva interdisciplinar, a qual contemple os diferentes saberes. Desta maneira, tem se produzido pesquisas em diferentes campos do conhecimento, na tentativa de responder aspectos e dimensões que vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares.

---

<sup>1</sup>bebeltrame@yahoo.com.br

<sup>2</sup>rdorneles@yahoo.com.br

<sup>3</sup>gdenize@upf.br



A partir da história da Humanidade é possível identificar aspectos que indicam os efeitos do desenvolvimento no que tange as pessoas, as organizações, os espaços geográficos, a economia, a política entre outros, uma vez que a Humanidade se apresenta e se desenvolve numa perspectiva histórica e a questão do desenvolvimento sempre foi tema que marcou e/ou determinou essa dimensão (ADORNO, 1995). Desta forma, este artigo tem como objetivo pontuar as diferentes formas de entendimento sobre o desenvolvimento e, em especial, as concepções do autor David Harvey em relação ao desenvolvimento desigual a fim de explorar suas contribuições sobre o desenvolvimento.

A globalização aprimorou e expandiu as formas de trabalho e os processos de produção de bens de consumo e provocou efeitos positivos e negativos no desenvolvimento. Observa-se, a partir disso, o crescimento das diferenças sociais e econômicas entre os mais ricos e os mais pobres. “A desigualdade é maior e mais diversa, embora um número mais amplo de pessoas tenham acesso a bens que antes não conheciam. Isto porque pobreza e desigualdade não são sinônimos” (NASCIMENTO e VIANNA, 2009, p. 12).

Este artigo é uma pesquisa bibliográfica, que privilegiou autores das áreas do desenvolvimento. As categorias de análise foram as concepções de desenvolvimento e desenvolvimento desigual. Os conceitos foram analisados para compreender o que já foi descoberto sobre essas teorias e relacioná-las: “um dos métodos de se utilizar revisão teórica sobre o tema de estudo” (FLICK, 2009, p. 62).

Tais viéses servem, então, de base para esse artigo. A partir de diferentes autores, será realizada uma reflexão sobre as concepções de desenvolvimento e sobre o desenvolvimento desigual a partir do olhar de David Harvey. Furtado (1996), Sen (1980, 2000 e 2010), além de Sachs (2000), Veiga (2006), também são autores que se destacam dentro do estudo sobre o desenvolvimento.

## 2 CONCEPÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO

Como ponto de partida se faz necessário abordar diferentes teóricos e suas concepções sobre o desenvolvimento, as quais possam embasar e enfocar o problema deste estudo. Desta forma, é necessário também resgatar um pouco da trajetória do conceito de desenvolvimento, já que este termo apresenta diferentes nuances, as quais abordam desde o desenvolvimento como liberdade (SEN, 2000), até a questão do desenvolvimento sustentável (SACHS, 2008), por exemplo.

Ao longo da história que vai da antiguidade até a Idade Moderna, o conceito de desenvolvimento estava fortemente arraigado à antropologia e teologia. Já durante o século XVII, pensou-se desenvolvimento associado à questão de mudanças sequenciais. E no contexto da filosofia progressista, foi atribuída então, a ideia de movimento, processo,



# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

mudança e de libertação. O imperialismo, por sua vez, pensou o termo no sentido de transição (SIEDENBERG, 2004).

Em 1949, ao tomar posse dos Estados Unidos da América, o então Presidente Truman utilizou em seu discurso a palavra ‘subdesenvolvido’. Termo que passou a ser usado para referir-se a hegemonia norte-americana. Neste momento, foi então lançado um programa a fim de obtenção de avanços científicos e progresso industrial para fazer com que as áreas subdesenvolvidas crescessem. Contudo, Truman não foi o primeiro a usar esta palavra e sim, Wilfred Benson, que ao escrever suas bases econômicas para a paz mencionou as áreas subdesenvolvidas. Desde esse momento surgiram diferentes significados para a palavra desenvolvimento. Nyerere articulou o desenvolvimento a partir de uma mobilização política, de um povo, para atingir seus objetivos. Rodolfo propôs olhar para a cultura para que o desenvolvimento ocorra. Jimoh Omo-Fadaka sugere, então, que o desenvolvimento comece de cima para baixo. Já Orlando Fals-Borda e AnisurRahman defendem que o desenvolvimento deva ser participativo, mas não esquecendo as restrições impostas em nome do desenvolvimento. Jun Nishikawa aborda outro tipo de desenvolvimento, quando percebe que as demais concepções não dão conta de todas as singularidades que tal conceito exige. Atualmente, já é fato o subdesenvolvimento, e por isto, todos os conceitos citados à cima não se sustentam. Desta forma: “não há nenhum outro conceito no pensamento moderno que tenha influência comparável sobre a maneira de pensar e o comportamento humano” (SACHS, 2000, p.61).

Latouche (1994) destaca que no processo de ocidentalização surgiu a necessidade de um ajustamento dos conceitos desenvolvimento até então conhecidos, com a finalidade de se obter modelos para o mundo ocidental. E na década de 1950 que o conceito de desenvolvimento se consolidou a partir de sua aplicação em estratégias e políticas de desenvolvimento. A partir disso, houve a integração das áreas do conhecimento ao mesmo tempo em que possibilitou novas posições sobre o assunto, ao mesmo tempo, que o desenvolvimento da humanidade foi percebido a partir de diversos avanços sociais, econômicos e políticos das atuais gerações (SIEDENBERG, 2004).

Após a Segunda Guerra Mundial, questões como: classe social, divisão do trabalho, mais valia, meios de produção, capital, lucro, mercados, que permeavam o restabelecimento da ordem econômica da época, presentes na obra de Adam Smith (1999), são questões que hoje pode-se utilizar na compreensão do desenvolvimento. Contudo, somente a partir da década de 1970, pensou-se desenvolvimento a partir do aspecto humano (BRUNDLAND, 1991).

Schultz (1965) nos seus estudos sobre a agricultura, de certa forma, foi um dos primeiros estudiosos que identificou a importância do investimento em capital humano, para o desenvolvimento quando escreve: “é necessário investir no pessoal do campo” (SCHULTZ, 1965, p. 197). Mesmo que para época em que identificou tal necessidade, os investimentos nos sujeitos fossem muito onerosos. Ademais, pensando na cultura do campo, o autor acreditava que a instrução para as pessoas traria pequena contribuição e na melhor hipótese, ajudaria na questão da alfabetização. Porém, estas mudanças travavam nas questões políticas. Entende-se capital humano: “[...] somente as pessoas geram valor por meio da aplicação de suas características humanas intrínsecas, da motivação, das habilidades adquiridas e da manipulação de ferramentas” (JAC FITZ-ENZ, 2001, p. 04).



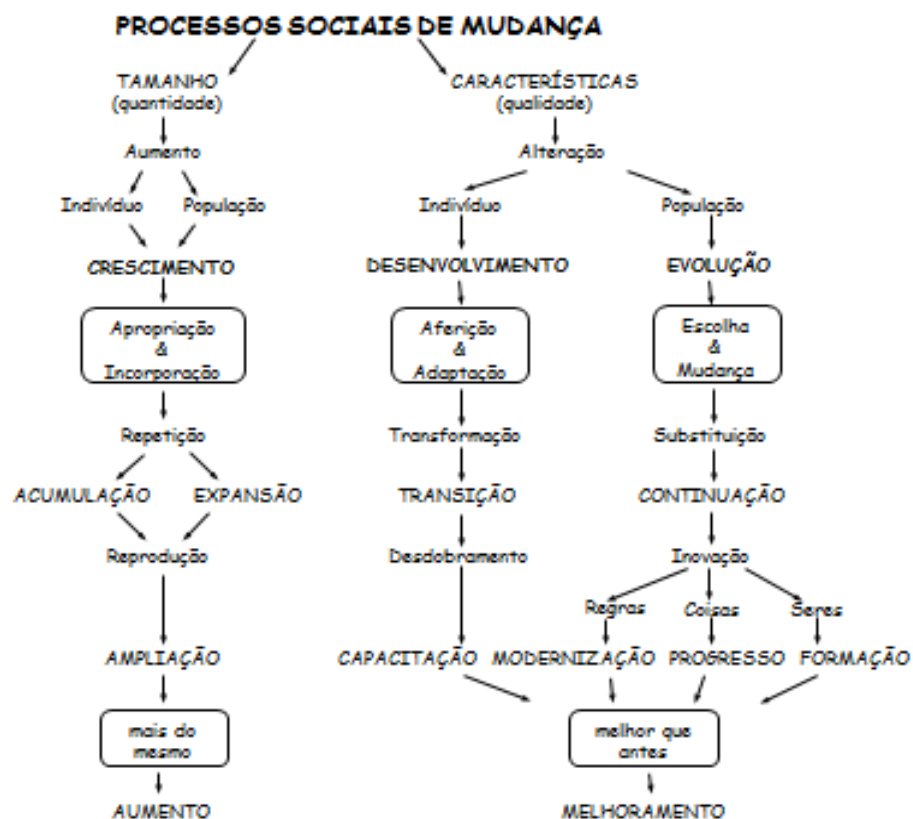
# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

O mais importante é que a idéia de desenvolvimento está no cerne da visão de mundo que prevalece em cada época. Nela se funda o processo de invenção cultural que permite ver o homem como um agente transformador do mundo, disse Furtado um quarto de século depois, na apresentação da terceira edição revista de um de suas obras primas: *Introdução ao desenvolvimento* (VEIGA, 2006, p. 30).

Originalmente os conceitos de desenvolvimento surgiram da biologia, dos termos: desenvolvimento, crescimento e evolução, os quais são distintos entre si uma vez que se diferenciam: mudança de ordem quantitativa ou qualitativa; as mudanças dizem respeito tanto a questões individuais como coletivas e se diferenciam pela forma de como se processo a mudança (SIEDERNBERG, 2004). A observação dessas diferenças propicia assim, maior clareza conceitual. Um quadro explicativo do conceito de desenvolvimento proposto por Siedernberg (2004, p. 19), num contexto epistêmico-sistemático, deixa claro desdobramento dos conceitos de crescimento, desenvolvimento e evolução.

**Figura 1: Processos sociais de mudança**



Fonte: Siedernberg (2004, p. 19).



# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

Pela figura é possível visualizar os processos sociais das mudanças através dos vieses quantitativo e qualitativo. Partindo das alterações e não do aumento das qualidades no que concerne ao indivíduo e a população, pode-se vislumbrar a questão do desenvolvimento que necessita de aferição e adaptação para que ocorra o processo. Seguindo esses elementos, ocorrem transformações, as quais passam por um período de transição que acabam por se desdobrar em capacitação, o que gera melhorias nas qualidades do processo de mudança (SIEDERNBERG, 2004).

Desta forma, a palavra desenvolvimento, adquire a seguinte concepção:

...mudança da capacidade individual no decorrer de sua própria biografia, ou seja, o desenvolvimento é conseqüência natural da aplicação de um mecanismo de assimilação e adaptação de habilidades individuais e pré-existentes às necessidades postas; uma espécie de upgrade de habilidades. Normalmente estas mudanças individuais ocorrem em etapas diferenciadas de transições, de acordo com fases típicas de cada espécie [...] e correspondem a um desdobramento de habilidades no sentido de o indivíduo conseguir fazer frente às situações adversas de cada fase. [...] o mecanismo de assimilação e adaptação também se aplica às experiências abstratas vividas pelo indivíduo (SIEDENBERG, 2004, p. 20).

Furtado (1996), questiona se é possível admitir um modelo que projetar a economia mundial baseado somente na observação do comportamento histórico das atuais economias industrializadas e com suas estruturas, uma vez que essa visão ignora a especificidade do fenômeno do subdesenvolvimento. Conseguir identificar a natureza do subdesenvolvimento não é algo fácil, uma vez que muitas são as suas dimensões e as que são visíveis nem sempre são significativas. O subdesenvolvimento não tem nada haver com o tempo de existência de uma sociedade, mas para medi-lo: “é o grau de acumulação de capital aplicado aos processos produtivos e o grau de acesso ao arsenal de bens finais que caracterizam o que se convencionou chamar de estilo de vida moderno” (FURTADO, 1996, p.17).

A crescente hegemonia das grandes empresas tende para a acumulação e, por conseguinte, a homogeneização dos padrões de consumo, nas economias industrializadas. Já nas economias periféricas, há um distanciamento das formas de vida de uma minoria privilegiadas em detrimento a grande maioria da população. Desta maneira, alguns fatores serão decisivos, em detrimento de outros, para a determinação da taxa de crescimento demográfico, como por exemplo, o acesso às terras produtivas para aqueles países que tem como subsistência a agricultura (FURTADO, 1996).

Ademais, o mesmo autor defende que o crescimento depende menos da introdução de novos produtos e mais da distribuição do uso de produtos mais conhecidos. Desta forma, a concentração de renda em países de mais alto nível de consumo, faz com que aumente a pressão sobre os recursos não reprodutíveis. Sendo assim, é relevante observar que as desigualdades do desenvolvimento de países periféricos estão se acentuando mais, dentro deles mesmos, do que as desigualdades se comparadas aos países melhores economicamente. Então, se a grande maioria da população dos países periféricos tivesse que viver a partir dos parâmetros dos países desenvolvidos, não sobreviveriam, pois suas rendas não seriam suficientes para os elevados padrões de



consumo. Os excluídos do sistema se constituem assim, como um grande entrave para a evolução do sistema.

Quaisquer que sejam as novas relações que se constituem entre os Estados dos países periféricos e as grandes empresas, a nova orientação do desenvolvimento teria de ser num sentido muito mais igualitário, favorecendo as formas coletivas de consumo e reduzindo o desperdício provocado pela extrema diversidade dos atuais padrões de consumo privados dos grupos privilegiados (FURTADO, 1996, p. 87).

Cabe então observar que a globalização acaba por refletir na produção direta ou indiretamente do que é efêmero e volátil. Isto gera a tentação para o consumo. O que se pensa então é, se o homem trabalha para viver ou este trabalho apenas lhe proporciona o necessário para consumir. A durabilidade não é mais exigida e sim o esquecimento, para com o objetivo de aumentar o consumo. Sendo assim, a sedução é uma poderosa arma para este novo momento que a sociedade vem passando no qual as prioridades mudaram. “Os consumidores são primeiro e acima de tudo acumuladores de sensações, são colecionadores de coisas apenas num sentido secundário e derivativo” (BAUMAN, 1999, p. 91).

... os equipamentos eletrônicos, não muito tempo atrás alinhados entre os bens mais valiosos e duráveis, são agora eminentemente descartáveis e feitos para virar lixo - e rapidamente. As empresas de marketing aceleram seu trajeto rumo à obsolescência “tornando os produtos permanentemente defasados ou criando a impressão de que, se não se mantiver em dia, você é que será defasado (BAUMAN, 2005, p. 77).

Nesta mesma perspectiva Sen (2010) também aponta a enorme assimetria que existe entre as potencialidades do planeta e a vida dos seres humanos. Boa parte da população, ainda é marcada pela pobreza e pela privação. Dessa forma, não é justo pensar que algumas pessoas apenas possam obter grandes benefícios com a globalização, enquanto o restante fica à margem da sociedade. Ou seja, para o autor, todos devem ter acesso à prosperidade, seja ela: social, econômica ou ecológica. Porém, uma não exclua a outra e sim, deveriam se complementar.

Complementando a ideia, menciona-se Harvey (2003, p. 218):

...as práticas temporais e espaciais nunca são neutras nos assuntos sociais; elas sempre exprimem algum tipo de conteúdo de classe ou outro conteúdo social, sendo muitas vezes o foco de uma intensa luta social. Isso se torna duplamente óbvio quando consideramos os modos pelos quais o espaço e o tempo se vinculam com o dinheiro e a maneira como esse vínculo se organiza de modo ainda mais estreito com o desenvolvimento do capitalismo.

Desta forma, o custo de vida despedido pelo alto grau de consumo, impossibilitará que os países periféricos possam, em algum momento, se desenvolver a partir desses padrões de grandes disparidades de consumo de bens. Desta forma, a ideia de desenvolvimento econômico desvia a atenção “da tarefa básica de identificação das



necessidades fundamentais da coletividade e das possibilidades que abrem ao homem o avanço da ciência, para concentrá-las em objetivos abstratos, como são os investimentos, as exportações e o crescimento” (FURTADO, 1996, p. 89).

As políticas de desenvolvimento se baseiam em índices, uma vez que os indicadores permitem analisar e comparar regiões. Portanto, entende-se indicadores de desenvolvimento como uma unidade de medida parcial, substitutiva. Esta unidade somente se configura como um indicador quando se insere num contexto teórico-metodológico. Nas pesquisas, os indicadores têm a finalidade de quantificar determinada concepção de desenvolvimento (SIEDENBERG, 2003).

A partir de todos os autores citados à cima, é possível dizer que: crescimento, evolução e desenvolvimento são conceitos distintos. Também se pode identificar que cada autor tem seu enfoque e entendimento do que é desenvolvimento bem como, quais são suas estratégias de ação. Ao mesmo tempo então, a palavra desenvolvimento pode estar sendo utilizada de forma errônea. E de tão amplo que é seu significado, pode ser por si só, incapaz de dar credibilidade ao contexto no qual está sendo utilizado. Ainda hoje, a palavra desenvolvimento carrega consigo a ideia de algo positivo.

Porém, para dois terços da população mundial, esse significado positivo da palavra “desenvolvimento” – profundamente enraizado dois séculos depois de sua construção social – é um lembrete *daquilo que eles não são*. Faz com que se lembrem de uma condição indesejável e indigna. Para escapar dessa condição, precisam escravizar-se a experiências e sonhos alheios (SACHS, 2000, p. 65).

Indo ao encontro das colocações de Sachs (2000), menciona-se então, no próximo capítulo, as concepções do autor David Harvey. Esse autor combate o capitalismo, a fim de se pensar outra forma de organização econômica, política e social. Harvey defende sua posição devido ao o aumento da desigualdade social, do aumento da corrupção, pela alienação que a mídia produz aos cidadãos bem como, pela destruição acelerada do meio ambiente.

### **3 O DESENVOLVIMENTO A PARTIR DO OLHAR DE DAVID HARVEY**

David Harvey (2003) apresenta suas 7<sup>deia</sup>7 acerca do desenvolvimento a partir de duas categorias, segundo ele, básicas da existência humana: espaço e tempo. Para o autor, as categorias interferem na vida e no poder social e, a partir disto, responsabiliza o espaço e o tempo como fatores que contribuem para a transformação social e, inclusive, a desigualdade e o capitalismo, onde concentra suas críticas.

Entretanto, como é um axioma fundamental da minha pesquisa a 7<sup>deia</sup> de que o tempo e o espaço (ou, no tocante a isso, a linguagem) não podem ser



# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

compreendidos independentemente da ação social, mudarei agora meu foco, passando a considerar o fato de relações de poder sempre estarem implicadas em práticas temporais e espaciais (HARVEY, 2003, p. 206).

Como conceito de tempo, ele apresenta uma série de sentidos – como os movimentos cíclicos, repetitivos, “tempo da família”<sup>1</sup>, os quais para a vida humana oferecem segurança, num mundo que visa o progresso, mas que podem gerar conflitos. Harvey (2003, p. 188), exemplifica questionado se “a taxa ótima da exploração de um recurso deve ser fixada pela taxa de juro, ou se devemos buscar, como insistem os ambientalistas, um desenvolvimento sustentado que assegure a perpetuação das condições ecológicas adequadas à vida humana num futuro indefinido”.

Por essa razão, o tempo é usado na retórica política de maneiras confusas. A incapacidade de adiar prazeres costuma ser usada pelos críticos conservadores, por exemplo, para explicar a persistência do empobrecimento numa sociedade afluyente, embora essa sociedade promova sistematicamente o financiamento de prazeres presentes como uma das principais engrenagens do crescimento econômicos (HARVEY, 2003, p. 188).

O espaço também é considerado como um fato da natureza, e também a partir de sentidos, cotidianos comuns, com concepções de espaço diferentes na sociedade. Ele exemplifica que estas concepções diferentes de espaço também geraram conflitos, em momentos de acordos territoriais (HARVEY, 2003).

Considero importante contestar a idéia de um sentido único e objetivo de tempo e de espaço com base no qual possamos medir a diversidade de concepções e percepções humanas. Não defendo uma dissolução total da distinção objetivo-subjetivo, mas insisto em que reconheçamos a multiplicidade das qualidades objetivas que o espaço e o tempo podem exprimir e o papel das práticas humanas em construção (HARVEY, 2003, p. 189).

Estes conflitos de espaço e tempo podem ter raízes nos processos político-econômicos.

...forçam o capitalismo a assumir configurações de desenvolvimento geográfico desigual, fazendo-o buscar uma série de remédios espaciais para o problema da superacumulação. Contudo, a estetização da política que acompanha essa virada geopolítica também deve ser levada a sério. Aqui, penso eu, reside a significação da conjunção de perspectivas teóricas estéticas e sociais sobre a natureza e o significado do espaço e do tempo (HARVEY, 2003, p. 194).

Harvey (2003) aborda uma perspectiva materialista, e afirmar que as concepções de tempo e do espaço são criadas necessariamente através de práticas e processos materiais que servem à reprodução da vida social. Ademais, é necessário investigar as

---

<sup>1</sup> O tempo implícito em criar filhos e transferir conhecimento e bens entre gerações através de redes de parentesco (HARVEY, 2000, p. 188).





# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

“sucessivas revoluções em tecnologia, relações espaciais, relações sociais, hábitos de consumo, estilos de vida, etc., características da história capitalista” (2005, p. 166), para compreender a dinâmica do desenvolvimento geográfico desigual.

Como o capitalismo foi (e continua a ser) um modo de produção revolucionário em que as práticas e processos materiais de reprodução social se encontram em permanente mudança, segue-se que tanto as qualidades objetivas como os significados de tempo e espaço também se modificam (Harvey, 2003, p. 189).

Então, já em 1985, Harvey propõe que os governos deveriam ser mais inovadores e empreendedores a fim de explorarem todas as possibilidades de enfrentamento contra as situações de crise e assegurar um futuro melhor para suas populações (empreendedorismo urbano). Porém, a dificuldade estaria em saber qual seria a melhor alternativa disso ser feito. Ademais, o autor acrescenta que nas últimas décadas “parece haver um consenso geral emergindo em todo o mundo capitalista avançado: os benefícios positivos são obtidos pelas cidades que adoram uma postura empreendedora em relação ao desenvolvimento econômico” (HARVEY, 2005, p. 167). Jacobs (1984) apud Harvey (2005) considera assim, a cidade como uma unidade relevante para o entendimento de como se cria a riqueza das nações. Partindo disso, a mudança da administração para o empreendedorismo urbano, em longo prazo, pode implicar futuras mudanças na perspectiva de desenvolvimento.

Complementando a 9<sup>da</sup> cita-se Theis (2009, p. 246):

não se trata da desigualdade socioeconômica entre espaços geográficos em geral, mas da produzida pelo capitalismo. Em outros termos: é a geografia do desenvolvimento desigual especificamente capitalista que importa aqui. E esta principia pela diferenciação do espaço geográfico que resulta dos processos sociais cotidianos.

Desta forma é importante identificar, os elementos e as características de análise nas diferentes abordagens do empreendedorismo, os quais são demonstrados no quadro a seguir, uma vez que Harvey aponta o empreendedorismo urbano como forma de se obter vantagens competitivas para as cidades que almejam o desenvolvimento.

## Quadro 1 – As diferentes abordagens do empreendedorismo

ABORDAGEM	O EMPREENDEDOR	A EMPRESA OU ORGANIZAÇÃO	O AMBIENTE OU MEIO TERRITORIAL
Antropológica, psicológica ou behaviorista	Suas características (sua personalidade)	Pessoal e centralizada	Pessoal ou não considerado



# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

Sociológica	Um criador de organização	Associada a outras organizações e à sociedade	A organização é parte do tecido industrial
Geográfica ou de economia regional	Um dos principais atores mas não o único	Elementos de diversificação ou não	Fortes laços com o meio e vice-versa
Econômica	Simple agente econômico	Parte da estrutura setorial e resposta às necessidades do mercado	O dinamismo da empresa parte da conjuntura e de outros ciclos econômicos de médio e longo prazo.

Fonte: Julien (2010, p. 26).

Outro aspecto abordado por Harvey que vai ao encontro da questão espaço e tempo é a questão da justiça social, uma vez que este conceito não é levado em conta, na análise dos métodos geográficos. Em decorrência disso, não se dá a devida atenção para as consequências das decisões em relação à distribuição de renda. Desta forma, Harvey pensa uma teoria de alocação especial ou territorial baseada em princípios de justiça social. Contudo, o autor aponta que não é produtivo organizar uma distribuição justa, se o volume do produto a ser distribuído diminui a partir do mau uso dos recursos que muitas vezes são até mesmo escassos (HARVEY, 1980).

A abordagem de David Harvey permite compreender que as dinâmicas sociais e econômicas de uma região são resultado de processos conflituosos e contraditórios. Tais processos incluem aspectos como os imperativos da acumulação capitalista, a reorganização do espaço, a compressão do tempo, as especificidades culturais e sociais, as regras de Estado e o ambiente natural da região. Mostra, portanto, que a produção material e a produção da vida em comunidade acontecem de forma conflituosa, resultando em uma configuração regional específica e transitória. Assim, esta abordagem permite compreender de forma mais fiel a realidade do lugar, mostrando e valorizando suas diversas faces (FAÉ e FLORES, 2012, p. 410).

Ademais, a justiça social deve ser pensada como um princípio para resolver direitos que se divergem. “A justiça social é uma aplicação particular de princípios justos e conflitos que surgem da necessidade de cooperação social na busca do desenvolvimento individual” (HARVEY, 1980, p. 82). Desta maneira, busca-se a avaliar as distribuições bem como, identificar formas de distribuição. O que se tenta distribuir de forma igual é a “renda”, entendida como domínio sobre os recursos escassos da sociedade, a partir do que os indivíduos fazem de reivindicações da sociedade em que estão inseridos (HARVEY, 1980). Theis (2009, 245), então reforça a ideia de que:

...o que distingue a lei do desenvolvimento desigual e combinado da teoria do desenvolvimento geográfico desigual é: enquanto a preocupação da primeira está em explicar porque uma formação social periférica/ atrasada, cujas forças produtivas não estão desenvolvidas e nem sob o controle de uma burguesia nacional consolidada, pode experimentar uma revolução política; a segunda constitui uma tentativa teórico-metodológica que busca captar a espacialidade



do desenvolvimento desigual, portanto, a natureza especificamente geográfica da desigualdade socioeconômica entre regiões e países.

Cada autor traz diferentes enfoques ao tratar do tema desenvolvimento, desde seu conceito à sua aplicação na sociedade e nas organizações. Estes enfoques e reflexões precisam então serem aprofundados, para que a busca por novas definições e explicações acerca das teorias de desenvolvimento sejam permanentes, da mesma forma que as mudanças verificadas neste percurso.

## 4 CONCLUSÃO

Este ensaio apontou abordagens de desenvolvimento, as quais, cada uma, destaca algum aspecto, como por exemplo: a competitividade, o social ou o meio ambiente para pensar estratégias de desenvolvimento. Contudo, não se pode negligenciar que existem diferentes conceitos de desenvolvimento, pois ao longo da evolução a concepção de desenvolvimento foi adquirindo novos enfoques de discussão e atuação. Desta forma, ressalta-se que a palavra desenvolvimento nem sempre está sendo utilizada de forma correta dentro dos mais variados contextos.

Há limitações no modelo de Harvey. Contudo, o autor levanta uma importante questão quando acrescenta a espacialidade e a análise espaço na compreensão do desenvolvimento geográfico desigual. Desta forma, há a necessidade de buscar alternativas que vão além da boa gerência das cidades, que seria pelo viés empreendedor urbano, o qual beneficiaria positivamente o desenvolvimento econômico.

Por mais que alguns autores contemporâneos vinculados a essa corrente de pensamento, ao atualizarem a noção de desenvolvimento, busquem superar o crescimento econômico e afirmem, inclusive, que crescimento não é sinônimo de desenvolvimento; o crescimento econômico permanece como o suporte sobre o qual as características sociais e ambientais devem ser pensadas. Ou seja, apesar de não ser sinônimo de desenvolvimento, o crescimento econômico é seu condicionante (FAÉ e FLORES, 2012. p. 429).

Por fim, importa reafirmar que há questões que merecem um aprofundamento no que concerne à questão do desenvolvimento. Desta forma, pensar em que medida estão sendo experimentadas como estratégias locais de desenvolvimento bem como, quais seriam os impactos dessas alternativas. Nesse sentido, também cabe considerar a relevância de cada uma das abordagens, as quais desconsideram diferentes aspectos dos processos, o que permite perceber e pensar o desenvolvimento de uma forma mais ampla. Sendo assim, qual seria o enfoque inicial para promover um desenvolvimento justo? Conforme aborda Harvey, seria outra questão a ser investigada, uma vez que seu entendimento sobre desenvolvimento permite descrever as configurações específicas dos



# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

diferentes capitalismos de cada lugar. Assim, as ações poderão ser articuladas de maneira mais adequada, para cada região, promovendo o desenvolvimento menos desigual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, S. **Inquérito sobre a natureza e as causas da riqueza das nações**. Trad. LuisCristovão de Aguiar. 3ª ed. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian, 1999.
- ADORNO, T. W. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Vozes, 1995.
- BAUMAN. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.
- \_\_\_\_\_. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BRUNDLAND, G. H. **Nosso futuro comum**. Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. 2ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.
- DALLABRIDA, V. R.. **O desenvolvimento regional**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.
- ESTEVA, G. Desenvolvimento. In: SACHS, Wolfgang. **Dicionário do Desenvolvimento: guia do desenvolvimento**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.
- FAÉ, R.; FLORES R. K. Os limites do ‘desenvolvimento local’ e as possibilidades abertas pela abordagem dialética proposta por David Harvey para compreender uma região. *Gestão e Sociedade*. Belo Horizonte. v. 6, nº 15, p. 407-435. Set/dez, 2012.
- FURTADO, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Editora Hucitec, 1980.
- JAC FITZ-ENZ. **Retorno do investimento em capital humano**. São Paulo: Makron Books, 2001.



# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

JULIEN, P. A. **Empreendedorismo regional e a economia do conhecimento**. São Paulo: Saraiva, 2010.

LATOUCHE, S. A. **A ocidentalização do mundo**. Petrópolis, 1994.

NASCIMENTO, E.P. DO.; VIANNA, J. N. (org). **Dilemas e desafios do desenvolvimento sustentável no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 3ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SEN, A. **As pessoas em primeiro lugar: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SIEDENBERG, D. R. Desenvolvimento – ambiguidades de um conceito difuso. **Desenvolvimento em Questão**: revista do programa de pós graduação em desenvolvimento, gestão e cidadania, Ijuí, ano 2, nº3, p. 9-26, jan/jun. 2004.

\_\_\_\_\_. Indicadores de desenvolvimento socioeconômico- uma síntese. **Desenvolvimento em Questão**: revista do programa de pós graduação em desenvolvimento, gestão e cidadania, Ijuí, ano 1, nº1, p. 45-71, jan/jun. 2003.

SCHULTZ, T. W. **A transformação da agricultura tradicional**. Rio de Janeiro: Zahar Editôres, 1965.

THEIS, I. M.. Do desenvolvimento desigual e combinado ao desenvolvimento geográfico desigual. **Novos Cadernos NAEA**, v.12, n.2, 2009, p. 241-252. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/324/510>. Acesso em: 28 fev. 2012.

VEIGA, J.E da. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI**. 2ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.